

DIÁLOGO ENTRE A TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA, A HISTÓRIA ORAL E A FUNÇÃO DA HISTÓRIA

Dialogue between the Social Technology of Memory, oral history and the function of history

Diálogo entre la Tecnología Social de la Memoria, la historia oral y la función de la historia

Raquel Alvarenga Sena Venera¹

Gustavo Henrique Cardoso Nart²

Bruna de Souza Medina³

RESUMO: Este artigo busca discutir a relação entre as metodologias História Oral e a Tecnologia Social da Memória com ênfase na criação de objetos epistemológicos, na potencialização política de narrativas de memória e na função da História. A partir da exposição “Comunicação Sensível”, aponta a potência do discurso político das narrativas de vidas ao mesmo tempo em que discute a função epistemológica de produção de fontes de memória. O desafio é a partir da definição e das considerações acerca da História Oral de Vida, em Albert (1996; 2005) e Thompson (2006), aproximar da Tecnologia Social da Memória, construída pelo Museu da Pessoa (2009) e mapear, em diálogo com Szymczak (2018), a aproximação e a diferenciação dessas duas metodologias, refletindo também acerca da função da História em Rusën (2001). O artigo mostra como a exposição “Comunicação Sensível” traduz essas duas vertentes, quais sejam, a construção de fontes históricas e a função política da visibilidade da voz de sujeitos históricos.

PALABRAS CHAVE: Memória; História oral; fontes históricas; narrativas de vidas; função da história.

ABSTRACT: This article seeks to discuss the relationship between Oral History methodologies and Social Technology of Memory with emphasis on the creation of epistemological objects, the political potentiation of the memory narratives and in the function of history. The exhibition “Sensitive Communication” it points out the power of the political discourse of the life narratives while discussing the epistemological function of producing memory sources. The challenge is to approach the Social Technology of Memory, constructed by the Museum of the Person (2009), and to map the approximation and differentiation of these two methodologies in dialogue with Szymczak (2018), reflecting also on the function of history in Rusën (2001), all that based on the definition and considerations about the Oral History of Life in Albert (1996, 2005) and Thompson (2006). The article shows how the exhibition “Sensitive Communication” translates

Licença CC BY:

Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.

- 1 Doutora em Educação pela Unicamp em 2009 - raquelsenavenera@gmail.com Professora do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade e Curso de História, ambos da Univille. Universidade da Região de Joinville, Univille
- 2 Graduando em História pela Univille - gustavo_nart@hotmail.com. Bolsista PIBIC 2017/2019 . Universidade da Região de Joinville, Univille
- 3 Bolsista CAPES no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille -bruna_s_medina@hotmail.com. Programada de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville, Univille

these two strands, namely, the construction of historical sources and the political function of the visibility of the voice of historical subjects.

KEYWORDS: Memory; Oral history; Historical sources; Narratives of lives; History function.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo discutir la relación entre las metodologías de historia oral y la Tecnología de la Memoria Social con énfasis en la creación de objetos epistemológicos, en la potenciación política de las narrativas de la memoria y en la función de la historia. Desde la exposición “Comunicación Sensible” se señala el poder del discurso político de las narrativas de la vida mientras se discute la función epistemológica de la producción de fuentes de memoria. El desafío es de la definición y las consideraciones sobre la Historia Oral de la Vida, en Albert (1996; 2005) y Thompson (2006), para acercarse a la Tecnología Social de la Memoria, construida por el Museo de la Persona (2009) y mapeando, en diálogo con Szymczak (2018) la aproximación y diferenciación de estas dos metodologías, reflexionando también sobre la función de la Historia en Rusán (2001). El artículo muestra cómo la exposición “Comunicación Sensible” traduce estos dos aspectos, es decir, la construcción de fuentes históricas y la función política de la visibilidad de la voz de los sujetos históricos.

PALABRAS CLAVE: Memoria; Historia oral; fuentes históricas; narrativas de vidas; función de la historia.

INTRODUÇÃO

A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. O tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa. (BOSI, 2003, p. 53).

Na epígrafe, Ecléa Bosi (2003) pensa a pesquisa em memória social conforme a multiplicidade do tempo vivido e a valorização do movimento cotidiano para a formação da narrativa das pessoas no tempo. Em conformidade com a perspectiva coletiva do contexto social e cultural, está a necessidade incessante do trabalho de construção e de comunicação das memórias, ao mesmo tempo em que se trabalham os frutos narrativos de cada sujeito. Pois a História floresce na medida em que, ao narrar o passado, o presente significa-se em confluência com a identificação de sujeitos que efetivamente agem sobre o seu tempo. Nessa perspectiva, há no mínimo duas dimensões do trabalho com a memória. A dimensão epistemológica de produção da fonte de memória – que leva em consideração a perspectiva coletiva e individual da memória –, e a dimensão comunicacional da memória, que por sua vez também se relaciona com a função política de produção de memórias coletivas. Nessa direção está o problema desse artigo, que se coloca implicado na interface do trabalho metodológico da memória: a História Oral e a Tecnologia Social da Memória (TSM).

Esse artigo nasce da colaboração investigativa entre duas pesquisas preocupadas com a produção de narrativas de memórias. A primeira, intitulada “Círculos de Afetos Múltiplos⁴”, tem como objetivo investigar as narrativas testemunhais em *blogs* e as (auto)biografias de pessoas com Esclerose Múltipla (EM), e a segunda, intitulada “Biografias: lidando com a Esclerose Múltipla na juventude⁵”, preocupa-se em investigar o afeto “desamparo” em Histórias de Vidas narradas por jovens acometidos pela EM. O que une essas duas pesquisas é o interesse em comum pelo processo metodológico de produção e reflexões acerca das Histórias de Vidas. Esse interesse faz com que se recorte a exposição audiovisual, intitulada “Comunicação Sensível”, como objeto de análise desse artigo, tomando como ponto de partida as diferenças e as aproximações entre a História Oral e a Tecnologia Social da Memória que estão permeadas na mostra expositiva.

4 Pesquisa com bolsa Univille - Edital 03/17 PIBIC CNPq 2017.

5 Pesquisa com bolsa Univille - Edital PIBIC Art.170 2017.



A exposição “Comunicação Sensível” é desdobramento de um terceiro projeto de pesquisa⁶ que carrega o mesmo nome da exposição, e apresenta seis histórias de vidas de jovens diagnosticados com EM. Todos esses três projetos citados fazem parte de três pesquisas maiores, chamadas “Memórias Múltiplas e Patrimônio Cultural em rede: o desafio (auto)biográfico diante da ameaça da perda”³; “Narrativas (auto)biográficas e Patrimônio Cultural: a identificação diante da vulnerabilidade do outro” e “(Auto)biografia e subjetividades: o outro de si mesmo na Esclerose Múltipla” respectivamente⁷. Eles funcionam como grandes “guarda-chuvas”, interdisciplinares, no Grupo de Pesquisa Subjetividades e (auto)biografia.

A exposição “Comunicação Sensível” faz um circuito por quinze dias, divididos entre dois espaços, o Espaço Garten Mais, no Garten Shopping de Joinville, SC; e o Hall do Auditório da Universidade da Região de Joinville, Univille, em alusão ao evento nacional intitulado “Agosto Laranja”, que visa à conscientização da EM na sociedade. Exibem-se seis *teasers* dos entrevistados, relatando experiências de suas vidas com a doença, em conjunto com fotografias produzidas nos bastidores das entrevistas e/ou doadas pelos entrevistados, no intuito de comunicar de maneira sensível os valores da vulnerabilidade do outro, especialmente na juventude.

Vale a pena elucidar que a Esclerose Múltipla é uma doença rara, autoimune, que degenera a cobertura protetora do sistema nervoso, com possíveis perdas motoras, sensoriais e até mesmo cognitivas em alguns casos, como perdas de memórias. Atualmente, a EM não tem cura, porém os tratamentos têm progressivamente melhorado a qualidade de vida dos pacientes.

As Histórias de Vida referidas foram coletadas a partir de entrevistas de História Oral com um roteiro semiestruturado, inspirado na Tecnologia Social da Memória, em conjunto com imagens cedidas pelos entrevistados e transcrições a partir da organização em reserva técnica pela metodologia da TSM na coleção “Histórias de vidas com Esclerose Múltipla” do acervo do Museu da Pessoa, disponível para futuras pesquisas. Essa coleção do Museu da Pessoa oferece à História da saúde e da doença, por exemplo, pontos de vistas dos sujeitos que vivem com a EM e colaboram com uma História mais coletiva sobre ela. Em vista desse interesse metodológico do campo da História – ampliar as possibilidades de fontes em pesquisas –, o principal objetivo deste artigo é mapear os distanciamentos e as aproximações entre a História Oral e a Tecnologia Social da Memória nas preocupações com objetos epistemológicos e comunicação das narrativas que aparecem na mostra expositiva. Pois, como aponta Maureen Szymczak (2018), a metodologia TSM se inspira na História Oral no que diz respeito à produção de uma fonte de memória, ao mesmo tempo em que a subverte diante da valorização em destaque dos discursos da voz de todos. O problema desse artigo se articula por meio da reflexão sobre a função da História ao tratar da metodologia da História Oral, enquanto a História como ciência, na produção de uma fonte de Memória implicada na objetividade das práticas de pesquisa. Questiona-se: Qual o valor efetivo na vida prática ao partir de pesquisas historiográficas na produção de uma fonte de memória? Estaria ela aprisionada ao próprio campo que possibilitou sua produção?

Em um primeiro momento, esse artigo vai se apropriar das orientações acerca da História Oral apresentada por Verena Alberti (1996; 2005) e Thompson (2006). Partindo da definição da metodologia da História Oral, debater-se-á o enfoque do pesquisador em construir fontes de memória em primeiro plano em concordância a Verena Albert (2005, p. 29), que diz:

6 Pesquisa com bolsa Univille - Edital 04/17 PIBIT CNPq 2017.

7 As pesquisas citadas são interdisciplinares. Esta última pesquisa possui apoio CNPq/CAPES, pelo Edital Universal 2016 e as demais são apoiadas na modalidade Programa Carta Convite da Universidade da Região de Joinville, Univille.

Sendo um método de pesquisa a História Oral não é um fim em si mesmo e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente definido. Assim, antes mesmo de se pensar em História Oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A História Oral só começa a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado.

Ter-se-á cuidado especial para tratar a metodologia Histórias Oral, com destaque para História Oral de vida, por permear a exposição “Comunicação Sensível”. Será o momento também de aproximação da discussão com a Tecnologia Social da Memória organizada pelo Museu da Pessoa. Esse método nasce da necessidade de uma tecnologia que fosse acessível às pessoas de diferentes comunidades e permitisse a elas efetuar seus próprios registros de memória, estabelecendo também redes de conexões entre comunidades narrativas. O museu, por sua vez, divulga para a sociedade essas narrativas e ativamente trabalha para a preservação e ampliação desse acervo de histórias de vida. Abordando também, em diálogo com Maureen Szymczak (2018), apontamentos das tensões entre História e Memória que estão presentes desde o nascimento do Museu da Pessoa e na criação da Tecnologia Social da Memória.

Com essas reflexões, ousa-se pensar na função da História e volta-se à exposição “Comunicação Sensível”, capturando dela sua tradução das preocupações do pesquisador no processo de criação de fontes, seja em sua esfera técnica, como se observou na gravação e na edição das entrevistas, das transcrições e o trabalho geral dos bastidores; e na comunicação da narrativa do outro, objetivo principal da exposição, que desdobra os discursos políticos e as posturas sociais desses outros.

Estas preocupações, a partir do ponto de vista da exposição, ligam-se diretamente à comunicação dos objetos, portanto, cabe à produção destas questionar-se sobre a sua função na vida prática. Para tanto, a relação entre os apontamentos de Jörn Rüsen (2001) acerca das funções de orientação existencial na História e embates metodológicos premeditados veem à tona neste momento de discussão.

Por fim, as reflexões finais abordam o futuro possível deste diálogo metodológico ao se tratar da potencialização das comunicações intermitentes entre a função e os conflitos da memória e a História.

A HISTÓRIA ORAL E A TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA

Não existe novidade na afirmação de que, em tempos primórdios, antes da escrita, a oralidade era o meio pelo qual as histórias se multiplicavam, as narrativas mantinham as memórias daquela sociedade. Torna-se secundária com o advento da escrita e do papel, dando ênfase ao registro escrito nas sociedades, pois garantiam poder e controle a quem os detinha. Esses registros e documentos se tornaram fontes históricas, na medida em que estudo de história foi avançando até de fato ser considerada uma ciência no século XIX. Ou seja, o que pode parecer naturalizado na prática social, em verdade faz parte de um fluxo histórico.

O domínio da escrita surge com a imprensa no século XVIII, alavancando a disseminação de informações pelos registros escritos a toda a sociedade. No entanto, a oralidade sempre esteve presente, como faz lembrar Thompson, quando diz que: “Sobreviveram e ainda sobrevivem porque existem muitos papéis sociais importantes a serem cumpridos pelo oral” (THOMPSON, 2006,



p.17), pois ao se adentrar na vida social e cultural do cotidiano da fala, a oralidade é a principal forma de comunicação.

No século XX, a comunicação oral ganha um destaque a partir de inovações tecnológicas, como a televisão, na qual a oralidade é o principal meio de transmissão. É no século XX também, a partir da invenção do gravador, que a História Oral aparece como método científico, por definição:

[...] uma abordagem ampla, é a interpretação da história e das sociedades e culturas em processo de transformação, por intermédio da escuta às pessoas e do registro das histórias de suas vidas. A habilidade fundamental na história oral é aprender a escutar. (THOMPSON, 2006, p.20).

Nas narrativas construídas pela escuta do outro, a memória se torna a principal fonte de quem narra, possibilitando um estudo de como o passado é reconstituído pela memória, segundo Thompson (2006, p.18):

[...] não podemos nos esquecer do papel da memória individual, a memória daquilo que aconteceu a nós mesmos [...] Não se pode operar na vida sem essa memória; ela é a parte mais central da consciência humana ativa, e é essencialmente oral. Para nos lembrarmos dela, podemos ser auxiliados por documentos escritos, mas grande parte depende só de nossa memória oral. Sem a memória pessoal não podemos viver, não podemos ser seres humanos.

Essas memórias narradas são coletadas por meio de entrevistas, dirigidas por um entrevistador e guiadas a partir de um roteiro semiestruturado. Esse é um set central de um trabalho de História Oral, balizado pelos objetivos da pesquisa. Ao escolher a metodologia de História Oral, deve se ter em mente que “A constituição e a preservação de um acervo de entrevistas, sua análise e sua abertura para a consulta são as principais metas de um programa de história oral [...]” (ALBERTI, 2005, p.48).

A História Oral pode ser dividida entre história temática e história de vida. A primeira tem como centro o tema de interesse da pesquisa que evoca a entrevista, logo o recorte de entrevista será referente à temática. Já a segunda, o foco está no indivíduo, sua trajetória e experiência são levadas em conta. A História Oral de Vida se torna importante pelas “conexões através das vidas, porque por meio desse tipo de evidência se podem conectar áreas que os documentos separam [...]” (THOMPSON, 2006, p.30). Em uma narrativa em que a vida é o centro, vários outros temas, além daqueles aferidos por uma pesquisa específica, podem ser explorados. Assim, a História Oral de Vida “permite não apenas compreender como o passado é concebido pelas memórias, mas principalmente como essas memórias se constituíram [...]” (ALBERTI, 1996, p.8).

O processo de construção dessas narrativas segue um roteiro semiestruturado e preestabelecido pelo entrevistador que vai ao encontro com seus objetivos de pesquisa. A construção da narrativa é feita tanto pelo entrevistado, que é a figura principal, quanto pelo entrevistador, de acordo com Alberti (1996, p.4):

[...] na entrevista de história oral há no mínimo dois autores – o entrevistado e o entrevistador. Assim, mesmo que o entrevistador fale pouco, para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato – científico, acadêmico – sobre ações passadas.

O material produzido pela metodologia de História Oral resulta na construção de um acervo que, além de ser utilizado para a própria pesquisa, deve ser disponibilizado para que outros pesquisadores possam utilizá-lo como fonte histórica, para Alberti (2005, p.41):

[...] É preciso ter claro que um dos objetivos do programa é o de abrir seu acervo a consulta de pesquisadores externos, que precisam ser informados sobre quem é o entrevistado e sobre os propósitos da entrevista. É por essa razão que a entrevista deve contemplar a história de vida do entrevistado – se não toda, pelo menos a parte da biografia que permite identificar melhor quem fala e de que pontos de vista (como já foi dito: origens familiares, socialização e formação, por exemplo).

Ainda, segundo a autora, para que tais fontes sejam produzidas e sejam disponibilizadas a outros pesquisadores, deve se ter em mente que:

[...] um programa de história oral não funciona sem uma equipe de pesquisadores, responsável pelo estudo das fontes primárias e secundárias relativas ao objeto de investigação, pela elaboração do roteiro geral de entrevistas, pela preparação e realização das entrevistas, por parte do tratamento dos depoimentos gravados e pela análise do material produzido, com vistas à produção de documentos de trabalho que sistematizem os resultados obtidos com a pesquisa. (ALBERTI, 2005, p.43).

Apesar de ter como um dos objetivos a disponibilização do acervo construído, a História Oral ainda é muito restrita ao campo científico, acadêmico, já que sua utilização só se justifica como um problema de um projeto de pesquisa, que por sua vez também acaba se restringindo a uma área e campo de pesquisa.

Contudo, a História Oral inspira novas apropriações e usos. O Museu da Pessoa, que nasce em 1991 na cidade de São Paulo, com o objetivo construir uma rede de Histórias de Vida, se faz um espaço para que qualquer pessoa pudesse registrar, preservar e disseminar sua história de vida. Para tal, o Museu da Pessoa conta com uma plataforma digital on-line, em que qualquer pessoa pode acessar as histórias contidas em seu acervo, além de frentes de trabalhos ou ferramentas que possibilitam as coletas de histórias regidas pelo método. Nesse ponto que a Tecnologia Social da Memória (TSM) surge como uma ferramenta acessível, que reúne “práticas, conceitos e princípios essenciais para que públicos diferenciados, com objetivos diversos, possam se apropriar da metodologia de registro e produção de narrativas históricas [...] possibilitando que qualquer pessoa construa história de vida” (MUSEU DA PESSOA, 2009, p.12).

A TSM tem como fundamento a História Oral, no entanto tem um enfoque no social e no político, pois considera que “A história de cada pessoa, grupo ou instituição diz respeito à história de toda a sociedade. Dessa forma, vale garantir que um conteúdo socialmente produzido seja socialmente apropriado [...]” (MUSEU DA PESSOA, 2009, p.54). Para que as pessoas possam se apropriar dessa tecnologia, além de possuir uma linguagem de fácil compreensão e ser de fácil acesso,

A Tecnologia Social da Memória inclui três etapas fundamentais que se complementam: construir, organizar e socializar histórias. Esse percurso acontece em diferentes dimensões. Começa com cada pessoa contando, organizando e socializando sua própria história. Essa história se relaciona com outras do seu grupo e compõe uma história coletiva. E esta, por sua vez, faz parte de uma rede



mais ampla de histórias dos indivíduos e grupos que compõem a sociedade atual. (MUSEU DA PESSOA, 2009, p.15).

Essas etapas são realizadas em conjunto pelo grupo, estabelecendo as diretrizes de base para o projeto. Dividindo e planejando as tarefas e as etapas do projeto no intuito de mobilizar a comunidade na construção deste, “É fundamental que elas encontrem algum sentido em olhar para o passado e para a história que as une. Se o grupo não conseguir responder para que e por que participar dessa empreitada, o projeto não acontecerá.” (MUSEU DA PESSOA, 2009, p.20).

A partir dessa inclusão comunitária que o grupo trabalhara e se prepara para um dos momentos mais importantes do projeto, que é a entrevista, que segundo o Museu da Pessoa (2009, p.50):

A entrevista é um momento solene, até mesmo sagrado, no qual o entrevistado está eternizando sua história e o entrevistador participa da construção de um documento histórico. É importante preparar um ambiente acolhedor para garantir que o entrevistado se sinta tranquilo e, acima de tudo, ouvir com atenção a sua história [...].

Um dos fatores principais para que a narrativa flua é o roteiro, é por meio dele que a entrevista se desenvolverá, portanto: “O desafio é construir um roteiro que ajude a pessoa a encadear seus pensamentos e organizar a narrativa à sua maneira. O tipo e a ordem das perguntas – estejam ou não previstas no roteiro – tendem a definir o tipo de história que será contada.” (MUSEU DA PESSOA, 2009, p.47).

O roteiro semiestruturado da TSM exerce a narrativa introdutória pelas origens familiares, infância, período escolar e juventude; seguido pelo desenvolvimento, que aborda a vida adulta, o trabalho; e a finalização, em que se fala das mudanças percebidas pelo entrevistado, da sua vida atual e da sua experiência em contar sua história. As perguntas incentivam a abertura da narrativa e seu fluxo, dando liberdade ao entrevistado narrar livremente. Todas as entrevistas são organizadas e fazem parte do acervo construído pelo grupo, de acordo com o Museu da Pessoa (2009, p.68), “Organizar histórias é tratar o conteúdo do projeto de maneira que ele faça parte do cotidiano e seja usado amplamente pelas gerações presentes e futuras. É formar um acervo reconhecendo as narrativas, fotografias, documentos e objetos como fontes históricas”.

O grande diferencial da TSM, além de ser construída por quaisquer pessoas e não ter necessariamente vínculo acadêmico e científico, é de vislumbrar a potência das histórias de vidas na transformação da realidade não só das pessoas envolvidas, mas de toda a sociedade, pois:

Tornar as histórias narradas conhecidas e valorizadas pela sociedade é uma estratégia fundamental para contribuir para o desenvolvimento social baseado no respeito e na compreensão das múltiplas experiências e visões de mundo das pessoas e grupos que compõem nossa sociedade hoje. (MUSEU DA PESSOA, 2009, p.78).

Para terminar esse momento do artigo, conclui-se que a TSM aproxima as pessoas e torna um projeto de memória numa prática social com real impacto nas vidas delas, sendo assim, o Museu da Pessoa (2009, p.91) acredita que:

Talvez esse seja o maior ganho de um projeto de memória: (re)apropriar-se da prática de contar, ouvir, registrar e organizar nossas histórias, num movimento permanente de conhecer a si mesmo, seu grupo, os outros, e melhor participar do desenvolvimento da História.

TENSÕES ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA

O Museu da Pessoa nasce como uma ideia, no final da década de 1980, e efetivamente no início da década de 1990, num momento histórico em que havia muitas tensões no campo historiográfico acerca da História e da Memória. Essas tensões se pautam na memória como fonte legítima do passado, com isso a História, ao incorporar a memória em sua produção científica, acaba por sistematizá-la e armazená-la. Dessa forma, a memória deixa de ser vivida como ação, como um ato vivo, para ser uma rememoração a partir da História. Porém, a memória “faz de cada um o historiador de si mesmo” (NORA, 1993, p. 17), no sentido de que o dever da História, ao abordar a memória, figura-se à identificação sintomática do tempo presente, na ação sobre os indivíduos e a partir de seu tempo.

Porque a coerção da memória pesa definitivamente sobre o indivíduo e somente sobre o indivíduo, como sua revitalização possível repousa sobre sua relação pessoal com seu próprio passado. A atomização de uma memória geral em memória privada dá à lei da lembrança um intenso poder de coerção interior. Ela obriga cada um a se lembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente. Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. (NORA, 1993, p. 18).

Com a História do Tempo Presente, a História Oral ganha destaque pela proposta de trabalhar com narrativas, fornecendo uma metodologia científica para a construção de fontes de memória. Nesse mesmo contexto, as experiências vividas pela idealizadora do Museu da Pessoa confluem para os objetivos do Museu de criar um museu de história de vida com relatos pessoais de qualquer pessoa. É a partir da interpretação da emergência contingencial do museu que Maureen Szymczak (2018) flagra essa tensão entre a História e a Memória no caráter museológico que legitima socialmente um acervo baseado em histórias de vidas. Para Szymczak (2018, p.43): “O Museu da Pessoa é idealizado, se constrói, nesta tensão entre História e Memória”.

A memória é constituída pelos fatos e acontecimentos da vida de cada indivíduo, ela é pessoal, mas também produto das relações sociais, selecionada e contada de acordo com o que se quer transmitir em um presente específico, no entanto a memória é contingencial. O conjunto dessas memórias individuais pode se tornar coletivo, como se pode conferir por meio do conceito de metamemória, proposto por Candau (2014, p. 23-24). Este se designa ao movimento que o indivíduo faz ao representar sua própria memória num contexto de reconhecimento e solicitação de reconhecimento. Esta memória vem a se coletivizar num “compartilhamento hipotético” de memórias individuais, avivando esta memória por meio de relações sociais e na disposição da memória dos indivíduos para a construção de uma representação coletiva, subjetivada numa memória social.

A História tem como objeto de estudo o homem no tempo, ela busca no passado as indagações do presente, ou seja, o passado serve como ferramenta para compreender e auxiliar no tempo presente, realizada a partir de narrativas, que são selecionadas e produzidas pelos historiadores, por ser uma ciência. Cabe ao campo historiográfico estabelecer e construir as narrativas históricas. Essas são essencialmente escritas e, em sua maioria, as fontes para a produção de narrativas são escritas, como documentos dos mais variados. A História se legitima em seu campo pela narrativa escrita do passado. No entanto, a partir do século XX, essa produção historiográfica permeia



entrecruzamentos entre a Nova História e a memória. Os esforços de construção histórica científica a partir da memória coletiva se multiplicam, Jacques Le Goff é um expoente destes, escancarando a fomentação da memória coletiva pela História:

[...] Não podemos esquecer os verdadeiros lugares da História, aqueles onde se devem procurar não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: “Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a construir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória” (LEGOFF, 2003, p. 467).

No conflito entre história e memória, há também disputa de poder, e o Museu da Pessoa vem enfrentando, ao se preocupar que “[...] seja uma memória horizontal, no sentido de englobar qualquer narrativa de vida de qualquer pessoa envolvida com aquela organização, indiferente seu nível social [...]” (SZYMCZAK, 2018, p.46). A História Oral é utilizada pelo Museu da Pessoa como uma fundamentação metodológica de construção da fonte histórica, no entanto o objetivo e o uso do que se produz extrapolam a linha científica e de pesquisa da História Oral, dando ênfase à sua razão política e social, além de considerar as histórias de vida como fundamentais na criação de memórias e de identidades, tanto de indivíduos quanto de grupos, e por apostar em seu potencial transformador, que o Museu da Pessoa, ao criar a Tecnologia Social da Memória, possibilita que as pessoas sejam os próprios agentes e construtores dessas fontes de memória. O Museu rompe as barreiras metodológicas do campo historiográfico ao oferecer a leigos da História acesso à condução de uma tecnologia metodológica de produção de narrativa, que irá gerar uma fonte, um acervo, que, segundo Szymczak (2018, p.46), “[...] seu acervo, desta forma, é projetado como fonte de conhecimento para História, e pretende-se múltiplo, no sentido de proporcionar a este campo de saber fontes que contribuam para olhares diversos em relação a construção da memória social do país”. O sujeito histórico se apresenta e se afirma como sujeito, e a produção de uma fonte de memória é feita por todos, e ao historiador caberia então a análise e o estudo mais aprofundado dessa história de vida. Com isso, concorda-se com Szymczak (2018), quando ela constata que, com a ampliação do uso das fontes orais, há também um alargamento do que se pode chamar de autores no campo da História. As pessoas entrevistadas são coautores da história narrada, mas a autora problematiza ainda mais:

No entanto, por meio da Tecnologia Social da Memória, o Museu da Pessoa propõe que a construção da História possa ser realizada por qualquer pessoa, não só especialista e/ou historiadores. A proposta é que qualquer pessoa, grupo de pessoas, comunidades, organizações, possam construir suas histórias a partir de um projeto de memória, e que esta história, enquanto narrativa de memória, adentre o campo de estudo da História. Entendendo que a História do Tempo Presente reconhecesse a memória como fonte de construção das narrativas históricas, os projetos de memória são entendidos como meios de democratização da produção de memórias. No entanto, para além de reverberar no campo de conhecimento da História, enquanto prática científica, a Tecnologia Social da Memória assume um caráter político quando coloca o registro das histórias de vida como finalidade última de qualquer projeto de memória, que pode ser executado por qualquer pessoa que tenha a intenção de empoderar e fortalecer a identidade de um grupo social, uma comunidade, organização ou mesmo uma pessoa. (SZYMCZAK, 2018, p.54-55).

Sendo assim, nota-se que as tensões, marcadas da década de 1980 na História, parecem ainda fazer atrito no campo político da memória. As discussões acerca da utilidade prática da história para a vida e da aproximação de projetos de pesquisas científicas e sua aplicabilidade social e político estão, mesmo que indiretamente e inconscientemente, ligadas ao nascimento e à trajetória do Museu da Pessoa. Principalmente depois da criação da Tecnologia Social da Memória, assumem-se de vez as tensões como irremediáveis, criando uma metodologia social e política que tenha impacto na realidade das pessoas e na qual os sujeitos de fato são agentes de produção de fontes históricas, de narrativas de memória e Histórias de Vidas capazes de transformar quem as conta e quem as lê, portanto Histórias não são tão individuais, mas eminentemente sociais.

A FUNÇÃO DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO COMUNICAÇÃO SENSÍVEL: REFLEXÕES FINAIS

A exposição “Comunicação Sensível” é objeto desse artigo pela produção de suas fontes em contexto de pesquisa, a partir da metodologia de História Oral de Vida, entendendo seu valor epistemológico, mas também em consideração à TSM, uma vez que as Histórias de Vida estão acomodadas e preservadas pelo Museu da Pessoa. Embora não seja montada por historiadores, somente foi possível por conta de um método próprio da História e da aposta de que as narrativas de memória possuem um poder político de visibilidade dos sujeitos e grupos. O evento tem como objetivos comunicar de forma sensível as experiências narradas nas Histórias de Vidas com EM e evidenciar a possibilidade de trabalhos de comunicação de narrativas de memória inspirados em metodologias científicas do campo da História.

A exposição apresenta parte do acervo do grupo de pesquisa “Subjetividades e (auto)biografia”, contando com seis teasers, trechos de transcrições realizadas por membros do grupo e fotografias – cedidas pelos entrevistados e dos próprios bastidores da pesquisa. Estes teasers, além de expor trechos de vital importância para a narrativa do entrevistado, trazem rastros metodológicos da TSM. As imagens aparecem em um plano, com a presença apenas do entrevistado no material audiovisual em fundo preto ou branco. A escolha por retirar a imagem do entrevistador reforça a caracterização do personagem narrativo durante sua vida, ausentando o outro lado da fonte, que também é importante na História Oral, mas que permanece abstrato. A perspectiva de abrir a narrativa sem que se façam demasiadas intervenções está na Tecnologia Social da Memória e não na História Oral, no entanto o entrevistador estava lá, havia um roteiro semiestruturado. Na transcrição da entrevista em texto, todas essas intervenções são registradas, porém no material de audiovisual – precioso na comunicação da narrativa – a figura do entrevistador é ocultada. A História de Vida não deixa de ser entendida como um trabalho em coautoria, pois o entrevistador é uma figura ímpar no desenrolar dessa narrativa, mas conforme a preocupação política de visibilidade do sujeito que narra, se faz necessário um distanciamento dessa figura que opera o roteiro, dando o foco para o entrevistado e a captação de seus momentos de subjetivação ante sua história de vida.

As transcrições são igualmente coautorias, quiçá com ainda mais autores dependendo da divisão do trabalho metodológico realizado dentro de um grupo de pesquisa. É uma tarefa que se acomoda em uma linha tênue, entre subjetivar-se como coautor e executar uma técnica, mantendo em evidência a narrativa em si. Uma pontuação, a indicação de uma entonação, apesar de ser uma tarefa de teor técnico pela execução de uma ferramenta de trabalho metodológico, ainda sim possuem em sua natureza desdobramentos valorosos a uma pesquisa, pois existem dois fatores que necessitam de



um cuidado especial: a conservação do gênero da oralidade na escrita e proporcionar ao leitor um fluxo de leitura. Por mais técnico que isso pode parecer, a tomada de decisões solitárias carrega uma envergadura subjetiva.

Na exposição, isto se traduz na intenção de que o visitante tenha facilidade e se interesse pela leitura do material, reconhecendo no trecho transcrito o mesmo sujeito que está presente no material audiovisual. Para isso, há um preparo em conjunto com o próprio entrevistado durante a produção de uma transcrição, pois existem escolhas que conferem o uso ético do próprio entrevistado com o seu material a ser exposto. Juntamente aos fatores que não podem ser negligenciados durante a revisão do texto, porém, ainda assim, é preciso garantir a existência de um reconhecimento da oralidade do entrevistado. Há de se subjetivar também uma confluência do interesse entre pesquisador e entrevistado, pois a esfera do campo científico historiográfico não consegue captar todas as necessidades e intenções que o entrevistado propõe em sua vida cotidiana por meio de sua linguagem, necessitando uma sensibilização ideológica dentro do próprio trabalho metodológico de transcrição.

Além da narrativa, existem objetos complementares à memória desse sujeito entrevistado, as fotografias cedidas e expostas passam por um tratamento técnico de coleta de informações acerca daquele instante, que foi considerado importante pelo próprio sujeito na sua história de vida. Em alguns casos, esses momentos são narrados durante a entrevista ou é feita a menção dos personagens que estão ali presentes. Porém, essas narrativas e o registro em fotografias não são suficientes para a compreensão da totalidade da valoração daquela memória para o entrevistado. Existe sempre algo que escapa. Cabe ao pesquisador utilizar das ferramentas epistemológicas à disposição para criar uma coesão, ainda que ilusiva, entre estes três fatores essenciais (material audiovisual, transcrições e fotografias), para que o conjunto dessa história de vida toque a diversidade de experiências visuais expostas e evoque a memória desse sujeito, no sentido de caracterizar essa narrativa em seu potencial político e empático.

Finalmente, as fotografias realizadas nos bastidores das entrevistas traduzem o movimento cotidiano dos pesquisadores em seu trabalho, pois neste momento é necessária uma aproximação da figura que prestigia a criação de fontes e insere o campo científico na vida prática. Os trabalhos de entrevista realizados por estes sujeitos pesquisadores são a segunda parte de uma coleção⁸, que veio a ser a primeira no mundo sobre histórias de vida de pessoas com EM. Estes são parte da íntegra de escolhas metodológicas e ideológicas do processo de criação de um material que aborda as tensões entre memória e história num contexto de pesquisa, criação e comunicação de objetos epistemológicos acerca de sujeitos comuns à margem das histórias oficiais acerca da doença ou da saúde.

As metodologias História Oral e Tecnologia Social da Memória possuem um vínculo com a Teoria da História, tendo em vista que ambas fazem esforços para a criação de objetos epistemológicos no campo historiográfico. A partir deste vínculo, questiona-se reflexivamente como esses objetos se reconhecem no cotidiano dos sujeitos e se traduzem no conflito entre História e Memória para a função historiográfica. Rüsen (2001, p.26) considera que a teoria da história se articula, como especialidade do pensamento histórico, justamente na autorreflexão desse pensamento histórico, nos processos cotidianos da pesquisa, desdobrando as questões fundamentais da história como ciência e do singular para o coletivo.

8 Trata-se da Coleção Histórias de Vidas com Esclerose Múltipla do acervo do Museu da Pessoa, www.museudapessoa.net.

No entanto, o trabalho da teoria historiográfica necessita de um esforço específico de reflexão, o esforço do especialista do pensamento histórico, pois esta constituição não acontece por si própria, reforçando a necessidade das metodologias para a criação dos objetos epistemológicos, seja por um historiador, como no processo investigativo da História Oral de Vida, seja pelo sujeito que utiliza as ferramentas dispostas na Tecnologia Social da Memória. Existe nessas práticas uma mobilização do pensamento histórico.

Rüsen (2001) apresenta cinco fatores essenciais advindos da Teoria da História quanto à pesquisa historiográfica, são eles: os interesses de pesquisa em confluência com as carências da vida prática; ideias perspectivadas em orientações das experiências do passado; métodos com regras da pesquisa empírica; formas de apresentação da pesquisa; e funções de orientação existencial na vida prática. Estas subdivisões operam parte na ciência especializada e parte na vida prática, seguindo um ciclo conforme as operações listadas. Os ensaios apontados por Szymczak (2018) inclinam o diálogo a partir da relação de subversão entre forma e função das metodologias aqui expostas.

A História Oral de Vida apreende os aspectos do campo científico na formação dos objetos, mas resulta numa preocupação epistemológica objetiva demasiadamente arraigada à forma de apresentação acadêmica desses objetos, causando um engessamento da função existencial na criação das fontes, pois se limita a não expor ideologicamente uma orientação própria à vida prática. Apresentando-se com lugar de destaque na Tecnologia Social da Memória, pois a forma de apresentação dos objetos formados traduz-se na sua comunicação pela plataforma em meio digital de um museu que os acolhe como patrimônios, exerce uma rede de memórias funcionais ao valor de empatia na vida prática, sem perder o fio condutor do meio acadêmico pela valoração dessas fontes criadas.

Vale ressaltar que a exposição é realizada por meio da metodologia da História Oral de Vida com roteiro semiestruturado inspirado na TSM, mas se preocupa também com a imersão do visitante ao patrimônio gerado a partir desta no Museu da Pessoa. O interesse é além do circuito expositivo de quinze dias, refere-se à aposta política de valoração de histórias e memórias que existem e precisam ser comunicadas na vida prática das pessoas, aliadas à transmissão de empatia diante da vulnerabilidade e do desamparo que podem vir a ser recorrentes no que consiste o cotidiano.

Obviamente que essa exposição não resolveu a tensão entre Memória e História, muito menos correspondeu à função da História, no entanto escancara essa tensão e os limites da função da História dentro do próprio campo. Uma exposição que não tem como objetivo um trabalho historiográfico, mas antes comunicar de forma sensível as seis Histórias de Vida. Mas ao fazer isso, anuncia os bastidores do fazer histórico acadêmico, os cuidados epistemológicos de produção de uma fonte histórica e sua potência política também fora do campo historiográfico a que a TSM já evidenciava. Os diálogos, sem dúvida alguma, exemplificam muito mais a carência da História na vida prática do que o exercício de suas funções. A ciência é valorosa como um lugar de objetividades, no entanto sua subjetivação no cotidiano acrescenta sentidos e lugares de sujeitos por meio das diversas potencializações de um sujeito para com o coletivo e do acolhimento deste sujeito ao coletivo.

Para finalizar, as pesquisas desenvolvidas no grupo “Subjetividades e (auto)biografias”, da qual se ramifica a exposição “Comunicação Sensível” e os projetos que dão luz a este artigo, utilizam os preceitos de ambas as metodologias para o fazer epistemológico de suas discussões e criação de fontes, tornando a importância dos diálogos uma constante nas reflexões cotidianas do grupo.



O contingente diálogo acerca de ambas as metodologias ainda apresenta um extenso mar de possibilidades investigativas, ao qual se instiga o interesse de futuras pesquisas no ímpeto de saciar as carências do campo de pesquisa e da vida prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, V. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola, 2006. 12p.

ALBERTI, V. “O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado”, Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, 1996. 13p.

BOSI, E. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003. 219p.

CANDAU, Joël. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2014. 219p.

LE GOFF, Jaques. Memória. In: História e memória. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003. p. 419-476.

MUSEU DA PESSOA. Tecnologia Social da Memória: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. São Paulo: ABRAVIDEO: Fundação Banco do Brasil, 2009. 51p.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. p. 07-28

RÜSEN, J. Razão Histórica: Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 194p.

SZYMCZAK, M. Histórias de Vida e Patrimônio Cultural: Desafios do Museu da Pessoa. 2018, Joinville. 195f. Dissertação de Mestrado – Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE.

THOMPSON, Paul. História oral: patrimônio passado e espírito do futuro. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Coord.). História falada: memória, rede e mudança social. São Paulo: Sesc-SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado, 2006, p. 17-43.